

A POSIÇÃO FEMININA NAS RELAÇÕES AMOROSAS ABUSIVAS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Fabíola Macedo Alves¹

Valesca do Rosário Campista²

RESUMO: Neste resumo evidencia-se que na contemporaneidade a discussão acerca das relações amorosas abusivas ganhou contornos de evidência, reforçando a necessidade de que essa questão seja tratada a partir de diferentes aspectos. Observa-se que no âmbito jurídico e legal surgiram políticas públicas, representadas na forma de leis de proteção e amparo à mulher vítima de relações abusivas permeadas pelas mais diversas formas de violência. Pelo viés de uma discussão teórica, pretende-se lançar luzes sobre as relações abusivas, estabelecendo reflexões que permitam pensar para além da realidade social e jurídica, e para realizar este propósito recorreremos aos conceitos propostos pela Psicanálise. Almeja-se com este estudo, sobretudo, abordar visões dominantes, legitimadas pela sociedade e marcadas por uma cultura que coloca a mulher como coadjuvante nas diferentes experiências vivenciadas. Este artigo tem o intuito de mostrar a importância do processo analítico, como mecanismo importante que possibilita reflexão acerca da posição feminina de assujeitamento as relações abusivas, visando mudanças e reposicionamentos por parte das mulheres, de modo a reconduzirem seu desejo a partir de novas possibilidades, inclusive rompendo experiências devastadoras e propondo-se a novas direções.

Palavras Chave: Relação amorosa abusiva; Devastação; Feminilidade; Posição histórica; Psicanálise.

THE FEMALE POSITION IN ABUSIVE LOVE RELATIONSHIPS: CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: In this summary, it is evident that in contemporary times the discussion about abusive love relationships has gained contours of evidence, reinforcing the need for this issue to be addressed from different aspects. It is observed that in the legal and legal scope, public policies have emerged, represented in the form of laws of protection and support for women who are victims of abusive relationships permeated by the most diverse forms of violence. Through a theoretical discussion, it is intended to shed light on abusive relationships, establishing reflections that allow thinking beyond the social and legal reality, and to accomplish this purpose, we will resort to the concepts proposed by Psychoanalysis. The aim of this study is, above all, to address dominant views, legitimized by society and marked by a culture that places women as supporting actors in different experiences. This article aims to show the importance of the analytical process, as an important mechanism that allows reflection on the female position of subjection to abusive relationships, aiming at changes and repositioning by women, in order to redirect their desire from new possibilities, including breaking through devastating experiences and proposing new directions.

¹ Bacharelado em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: fabiolamacedoalves@gmail.com

² Doutora em Psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Docente da Graduação em Psicologia da Universidade Estácio de Sá – Polo Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro. Brasil. Psicóloga do Hospital Ferreira Machado – Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: vcampista@gmail.com

Keywords: Abusive love relationship; Devastation; Femininity; Hysterical position; Psychoanalysis.

1. Introdução

Os relacionamentos amorosos abusivos e o aumento dos índices de violência contra a mulher ganham proporções cada vez maiores na atualidade, desse modo, torna-se relevante propor meios que aprofundem essa problemática, tendo em vista sua complexidade que envolve questões de gênero, além dos fatores culturais e políticos que permeiam o problema.

Apesar dos avanços na legislação e das políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher ainda é preciso evoluir no processo de emancipação feminina, favorecendo a compreensão de sua subjetividade e possibilitando o acompanhamento psicológico que possibilite seu reposicionamento pessoal e social.

Este trabalho tem como objetivo, compreender a partir do viés da psicanálise as relações amorosas abusivas, a permanência da mulher e sua dificuldade de rompimento nos ciclos devastadores vivenciados.

A abordagem da Psicanálise pretende ampliar a discussão do assunto, apresentando: o conceito de relações abusivas e suas diferentes dimensões que envolvem todo tipo de violência (física, moral, psicológica). A seguir, compreender o conceito de feminilidade e de histeria, funcionamentos psíquicos responsáveis pela dificuldade de rompimento da mulher. Por último, apresenta-se através do acompanhamento psicológico, o repensar sobre posturas, a abertura a novas possibilidades que permitam o reposicionamento feminino sob uma perspectiva mais independente.

Desse modo, espera-se que a pesquisa possa contribuir para o desdobramento dos questionamentos surgidos em relação ao tema mencionado, permitindo ampliar discussões a partir de novas dimensões, expandindo o assunto para além dos aspectos objetivos e sociais, considerando as particularidades que envolvem o funcionamento da subjetividade feminina.

Conceituando relacionamento abusivo

O relacionamento abusivo abrange questões associadas ao sofrimento psíquico entre as partes envolvidas, essa pesquisa irá enfatizar os relacionamentos amorosos entre casais heterossexuais. Nesse tipo de relação, ocorre o predomínio do homem exercendo papel controlador sobre a mulher que assume uma postura de aceitação, diante disso-

Relacionamento abusivo. Este é o termo atual utilizado para designar um relacionamento afetivo amoroso em que há quaisquer abusos, sejam eles psicológicos ou emocionais, físicos, sexuais ou econômicos. Tais abusos podem ocorrer de forma concomitante ou separadamente, ainda que todos possam acarretar consequências psicológicas (MARQUES, 2005, p.71).

A relação abusiva se estende a um conjunto de ações violentas nas diversas esferas (física/sexual, emocional, econômica) desencadeando prejuízos psicológicos graves, e o conseqüente sofrimento psíquico. Considera-se que nesse tipo de relação às mulheres assumem predominantemente, a posição de passividade, tornando-se receptoras dos atos abusivos, caracterizados por alguma forma de violência.

De modo geral, o comportamento amoroso masculino apresenta dificuldades de fundir adequadamente as correntes afetiva e sensual. Desse modo, o homem necessita depreciar a mulher que se constitui como seu objeto de desejo, pois existem componentes perversos em seus objetivos sexuais.

É esta a origem de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, de uma mulher eticamente inferior, a quem não precise atribuir escrúpulos estéticos, que não o conheça em seu outro círculo de relações sociais e que ali não o possa julgar (FREUD, 1996, p.191).

O homem necessita colocar a mulher numa posição de inferioridade, pra que assim, possa exercer seus desejos de forma livre, sem restrições morais e julgamentos. Esse modo de ser masculino corresponde a incapacidade que o homem tem em equilibrar as dimensões afetivas e sexuais, necessitando, pois, de um objeto sexual depreciado para satisfação de seus desejos sexuais. "É naturalmente, tão desvantajoso para uma mulher se um homem a procura sem sua potência plena como o é se a supervalorização inicial

dela

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

dela, quando enamorado, dá lugar a uma subvalorização depois de possuí-la” (FREUD, 1996, p.191).

Na relação sexual onde o homem concebe a mulher como objeto depreciado, ela estará numa posição inferiorizada, desvalorizada, tornando-se insatisfeita com tal posição. Entretanto, muitas vezes ela permanece vinculada a essa condição devido a necessidade de vivenciar uma relação objetual.

As mulheres civilizadas geralmente não transgridem a proibição da atividade sexual durante o período em que têm de esperar e, assim, estabelecem a ligação íntima entre proibição e sexualidade. Os homens geralmente desrespeitam essa proibição se podem satisfazer a condição de depreciar o objeto e, em consequência, mantêm essa condição em seu amor mais tarde, na vida (FREUD, 1996, p.192).

Destaca-se que as ações abusivas alcançam proporções que transcendem aspectos sociais e culturais da realidade objetiva, resultando na desestruturação psíquica dos sujeitos envolvidos, principalmente das mulheres que vivenciam tais experiências, ressaltando as fragilidades e dificuldades de rompimento, tendo em vista o significado que a relação amorosa assume para a vida delas.

Segundo Paiva & Figueiredo (2003, p.167) “o relacionamento abusivo é caracterizado pela recorrência significativa de atos de violência”. Dessa forma, entende-se que o relacionamento considerado abusivo se estabelece de forma violenta e antiética entre os envolvidos, havendo a imposição de uma das partes que tende a exercer domínio sobre a outra parte considerando-a limitada e vulnerável.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. A definição dada pela OMS associa intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido (KRUG; DAHLBERG, 2002, p. 1.165).

Assim, é possível estabelecer uma associação entre as relações abusivas e o uso de violência, visto que esta, pode acontecer de diversas maneiras, tendo consequências complexas sobre os sujeitos envolvidos, principalmente a mulher, tendo em vista as especificidades que constituem seu funcionamento psíquico e subjetivo. Destacaremos nesse trabalho os desdobramentos psicológicos envolvidos nesse tipo de relacionamento.

Existe um ciclo do relacionamento abusivo que são séries de ações comuns entre os agressores e acontecem em três fases. No primeiro momento, a construção da tensão no relacionamento se dá através da agressão verbal com gritos, xingamentos, ameaças até explodir para a segunda fase, denominada de explosão da violência. Esta se apresenta em forma de espancamentos, murros, chutes, é o momento em que as agressões atingem níveis elevados, e, no entanto, é considerado de curta duração porque, conseqüentemente, o agressor entra na terceira fase, onde se instala o arrependimento. Durante esta fase, nomeada de lua de mel, o agressor se arrepende de todo o mal que causou e sente remorso de perder a companheira, que finda por perdoar. Como o próprio nome já diz isso é um ciclo. Cada vez que uma mulher passa por esse percurso, mais fragilizada psicologicamente e mais desacreditada de si mesma, ela fica sendo de extrema importância o apoio de uma terceira pessoa para auxiliá-la no rompimento do ciclo do abuso (MARTINS; ALBERTIN, 2018, pp. 3 - 4).

Feminilidade segundo a Psicanálise

A construção da feminilidade é um enigma a ser desvendado, visto que não se trata apenas da distinção anatômica. Freud aponta que existem características sexuais que aparecem nos homens e nas mulheres. De acordo com o pai da psicanálise, existe no sujeito indicações inatas de bissexualidade, o que permite entender que a masculinidade, assim como a feminilidade é constituída para além dos aspectos anatômicos e fisiológicos, ou seja, constrói-se a partir da formação da estrutura psíquica do sujeito. Observa-se também que os comportamentos associados a masculinidade ou a feminilidade resultam de construções sócio-históricas, determinados culturalmente.

Uma posição de passividade assumida na vida sexual pode influenciar em maior ou menor grau o comportamento feminino ao longo da vida, definido a partir de uma hierarquia social onde a mulher é colocada como assujeitada e a hegemonia atribuída ao masculino.

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro (FREUD, 1996, pp.116-117).

A psicanálise tenta compreender especificamente como se constrói a feminilidade na mulher a partir do seu desenvolvimento infantil e apontando a bissexualidade como característica inata. A sexualidade feminina se constrói após a fase fálica, a partir do reconhecimento das diferenças sexuais entre meninos e meninas, deslocando-se do objeto fálico associado ao clitóris para o órgão genital genital.

A menina, portanto, tem que modificar a zona erógena onde centralizava seu desejo, assim como, a partir do desdobramento do Édipo também tem que deslocar o amor dirigido à mãe para a figura do pai. Esse processo de mudanças que ocorre na vida infantil da menina influencia na construção de sua feminilidade e na estrutura psíquica histórica. Freud (1996, p.121) considera que (...) “os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de ocorrências reais”.

Na fase fálica a menina constrói sua feminilidade realizando o caminho inverso ao do menino, se afasta da mãe para eleger o novo objeto de desejo, se aproximando da figura paterna, assim, a subjetividade feminina é construída a partir da relação estabelecida com a castração e o falo. A menina renuncia o primeiro objeto de amor que é representado pela figura materna, elegendo o pai como figura responsável por preencher o vazio que a menina sente, tanto em relação ao distanciamento da mãe, quanto em relação a falta fálica identificada a partir do reconhecimento da diferença entre os sexos, originando o sentimento de “inveja do pênis”.

Acredito haveremos encontrado esse fator específico, e, na verdade, no lugar onde esperávamos encontrá-lo, pois se situa no complexo de castração. Afinal, a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em consequências psíquicas. Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem (FREUD, 1996, p.124).

Dessa maneira, o reconhecimento da diferença sexual provoca nas meninas sentimento de inferioridade diante da falta fálica, influenciando na construção da estrutura psíquica feminina. Segundo Freud (1996), a descoberta da castração vai influenciar na subjetividade da menina apresentando-lhe três possibilidades no seu desenvolvimento psíquico: inibição sexual ou neurose, complexo de masculinidade e a construção da feminilidade normal.

A menina a partir da constatação de que as mulheres são castradas se distancia da mãe, e constrói a fantasia de inferioridade em relação aos meninos, diante disso, a sexualidade feminina pode se desenvolver de forma mais suprimida, adormecida em relação aos homens. Assim, a censura pode vir a se tornar uma posição assumida pela mulher diante da castração, influenciando no desenvolvimento psíquico da mulher.

O complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também a sua importância. Sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem “ter uma coisa assim também”, e se tornam vítimas da inveja do pênis; esta deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter, não sendo superada, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica. O fato de a menina reconhecer que lhe falta o pênis, não implica, absolutamente, que ela se submeta a tal fato com facilidade (FREUD, 1996, p.125).

A percepção da diferença anatômica entre os sexos marca a castração e faz com que a menina se sinta inferiorizada diante da constatação da falta fálica, esse fato será o ponto de partida para construção da subjetividade da mulher. A falta em relação ao menino fará com que a menina se coloque numa posição de inferioridade, influenciando na construção de uma estrutura psíquica voltada ao preenchimento do vazio desencadeado pela falta colocada pela castração.

Frente à castração, a mulher assume uma posição constante de procura por algo que possa preencher o vazio deixado pela falta fálica. Ela tentará compensar ou ocultar de alguma forma o sentimento de inferioridade instaurado a partir da descoberta da castração. Esses fatos diferenciam a subjetividade feminina, posto que é marcada por acontecimentos da vida infantil, tendo desdobramentos na formação da personalidade da mulher e no seu posicionamento como sujeito em diversas esferas, principalmente nas relações amorosas.

A identificação da mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-ediapiana, sobre a qual se apoia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. Sem dúvida justifica-se dizermos que muita coisa de ambas subsiste no futuro e que nenhuma das duas é superada no curso do desenvolvimento. A fase da ligação afetiva pré-ediapiana, contudo, é decisiva para o futuro da mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará inestimáveis tarefas sociais (FREUD, 1996, p.133)

Desse modo, o entendimento de que existe uma diferença anatômica entre os sexos é uma das grandes descobertas na vida infantil da sexualidade feminina e deixará consequências. Inicialmente podemos destacar o inconformismo diante de sentir-se castrada, assim como, o desejo de ter o mesmo órgão sexual que o do menino, entende-se que tais consequências desencadeadas pela “inveja do pênis” exercerão influências sobre o desenvolvimento da sexualidade na menina, juntamente com a construção da sua feminilidade.

A descoberta da diferença sexual traz para as meninas o complexo de castração. Elas passam por um período em que acreditam terem o falo ou que este ainda iria crescer e, posteriormente, reconhecem a diferença entre os órgãos sexuais. Todavia, elas se comportam como se tivessem perdido o falo, trazendo consigo a ideia de castração. A constatação sobre a perda fálica leva a menina a desenvolver complexos de inferioridade em relação ao menino.

Nas meninas, a castração desencadeia sentimentos complexos relacionados a autodepreciação e desvalorização, visto que acreditam na infância terem sido punidas através da castração. A perda dos órgãos genitais, promoverá sentimentos de inferioridade em relação a si próprias, só entendem posteriormente que a ausência do falo é característica comum de todas as mulheres e percebem que a ausência não ocorreu por conta de um castigo.

Entende-se que a natureza feminina está, portanto, vinculada ao desenvolvimento de sua sexualidade que ocorre na vida infantil. As vivências originadas com a relação afetiva com os pais, bem como as descobertas sexuais desencadeiam sentimentos e

fantasias que associadas formarão a personalidade feminina constituída por inúmeras especificidades.

A mulher histérica e a vivência nas relações amorosas

A histeria corresponde a uma estrutura psíquica caracterizada por uma dissociação psíquica entre uma ideia e o afeto associado a mesma. O afeto se desloca e passa se localizar no corpo como representação simbólica de um conteúdo recalçado. Os sintomas se manifestam de diferentes ordens, entre os quais ocorre a somatização, sendo que a atividade exercida pela mente histérica torna-se limitada e carregada de afeto.

Em nossa opinião, “entre os histéricos podem-se encontrar pessoas da mais lúcida inteligência, da maior força de vontade, do melhor caráter e da mais elevada crítica”. Nenhuma parcela de uma dotação mental sólida e autêntica é excluída pela histeria, embora as realizações efetivas com frequência se tornem impossíveis por causa da doença. (FREUD, 1996, p.251)

Entende-se que a histeria portanto, não se trata de um transtorno mental que separa o sujeito da realidade racional, ou mesmo que comprometa a sua capacidade de raciocínio. A histeria pode dificultar ou impossibilitar o exercício da autonomia, a tomada de decisões e a execução de ações por parte dos sujeitos.

Compreende-se que os sintomas histéricos são resultantes de manifestações de conteúdos inconscientes, externalizados como forma de amenizar o conflito psíquico. Desse modo, é importante enfatizar que as ações histéricas são conduzidas por resíduos de ideias que são dotadas de afeto, sendo traduzidas sob a forma de sintoma.

A parte inconsciente expelida pela mente na histeria é sobretudo sugestionável, em virtude da pobreza e incompletude de seu conteúdo representativo. Mas em alguns pacientes histéricos também a sugestionabilidade da mente consciente parece basear-se nisso. Eles são excitáveis por causa de sua predisposição inata; neles, as representações novas são muito nítidas (FREUD, 1996, p.257).

A sugestionabilidade é um dos sintomas identificados nas pacientes histéricas, elas se colocam numa posição de maior passividade e projetam nos outros possibilidades para resolução de seus conflitos internos. A esfera afetiva, é altamente marcada pela intensidade e impulsividade, compondo um aspecto inato da personalidade histérica.

Ao afirmarmos isso, já estamos reconhecendo a sexualidade como um dos principais componentes da histeria. Veremos que o papel que desempenha nela é ainda maior e que contribui das mais diversas maneiras para a constituição da doença. (FREUD, 1996, p.262).

Melman (2003), afirma que os sintomas histéricos atuais estão associados às mudanças verificadas na sociedade e em novos modos de organização estabelecidos culturalmente. Destaca a busca desenfreada dos sujeitos pelo reconhecimento e aceitação e as denomina como sendo sintomas sociais, frutos do meio histórico atual.

Os sintomas expressados pela mulher histérica são carregados de significados, eles resultam da angústia inerente a condição humana, resultando do processo de recalçamento do desejo inconsciente. Assim, entende-se que os sintomas carregam consigo mensagens subjetivas, por isso, é fundamental atender-se para isso, principalmente no intuito de compreender a posição assumida pelas mulheres histéricas diante da vida.

A mulher tende a se colocar numa posição de submissão e assujeitamento em relação ao domínio colocado pelo homem no relacionamento afetivo. Essa posição pode comprometer a tomada de atitude por parte da mulher que pode manter-se numa relação subordinada, de modo a satisfazer o desejo do outro, acreditando que essa seja a maneira pela qual manterá o relacionamento.

“Este estado de sujeição é, em consequência, muito mais frequente e mais intenso nas mulheres que nos homens” (...). (FREUD, 1996, p.202). Entende-se que a posição de assujeitamento predomina na posição feminina nas relações amorosas, visto que as mulheres tendem a, diante da falta, se colocarem como objeto do outro de modo a satisfazer seu desejo de compensar algo que falta.

A psicanálise acredita que descobriu grande parte do que fundamenta a rejeição narcísica das mulheres pelos homens, a qual está tão entremeada com o desprezo por elas, ao chamar a atenção para o complexo de castração e sua influência sobre a opinião em que são tidas as mulheres. (FREUD, 1996, p.207)

A mulher tende a passar a vida em torno de substituição para compensar o vazio deixado a partir da falta fálica.

A partir do Édipo constrói a identificação com o pai e diante da proibição na vivência do amor pelo pai passa a procurar nos relacionamentos amorosos homens que possam substituir a figura paterna.

Aprendemos na análise de muitas mulheres neuróticas que elas passam, em sua infância, por uma fase em que invejam nos irmãos o seu símbolo de masculinidade e se sentem em desvantagem e humilhadas devido à falta dele em si mesmas (na verdade devido à sua proporção diminuta). Incluímos essa “inveja do pênis” no “complexo de castração”. (FREUD, 1996, p.211)

De acordo com Freud a neurose feminina está associada a “inveja do pênis”, ou seja, ao sentimento de inferioridade desenvolvido em função da descoberta da falta do falo no período que corresponde ao complexo de castração que ocorre a partir da diferenciação genital infantil. Assim, a estrutura psíquica neurótica feminina se constrói a partir da falta, do vazio, que gera insatisfação na mulher e a busca por preencher a falta.

É fundamental destacar o desejo insatisfeito como sendo um dos principais sintomas da mulher histérica. O sintoma será sempre endereçado ao outro, ou seja, coloca-se a expectativa no outro, como se a outra pessoa fosse capaz de corresponder ao ideal esperado e satisfazer os desejos intrínsecos a mulher.

Entende-se a estrutura histérica como sendo uma estrutura predominantemente feminina, justificando a posição assumida pelas mulheres nos diversos percursos de vida, sobretudo nas relações amorosas. Dessa maneira, as mulheres tendem a permanecer sustentando relações amorosas conflituosas, marcadas pelo desprazer em função do seu desejo maior que é a satisfação dos seus desejos idealizados, verifica-se assim, o permanente conflito psíquico entre prazer e desprazer tendo em vista que a realização plena é um desejo inalcançável a humanidade.

Assim, em função do desejo, a histérica submete-se a experiências desprazerosas consideradas uma forma de satisfação do desejo, tendo em vista que a satisfação total do desejo não é possível de ser concretizada. O prazer é concebido como algo possível de ser obtido, ainda que a partir da vivência de experiências não totalmente agradáveis. “Então, pautado pela observação que relata no texto, Freud concluiu que essa capacidade de repetir uma experiência desagradável está associada à sensação de produzir uma prazer

mais direto” (COSTA, 2013, p.103).

A mulher em uma posição histérica coloca-se numa incessante busca, ou seja, procura suprir o vazio da falta projetando em diversas áreas da vida, sobretudo na área afetiva. A fantasia e as idealizações direcionam seus pensamentos a espera para serem realizadas, isso não sendo possível permanecem promovendo inquietação permanente.

A histérica tende a exercer ações que a colocam em renúncia ou sacrifício diante do outro.

A histérica prefere, assim, culpar-se, considerar-se como portadora de uma falta, de uma enfermidade, que a faria só servir como refugio, que a conduz a se interditar a figura de verdade nesse mundo. É para defender seu parceiro e, também defender a confiança depositada no Outro, que ela se sacrifica desta maneira, levando até o grotesco uma representação assim exposta (...)” (COSTA, 2013, p.118).

No que se refere à relação amorosa, a histérica permanece muitas vezes na oscilação entre querer continuar na relação e querer o rompimento da mesma, essa ambivalência é um dos aspectos marcantes na estrutura psíquica da mulher histérica. Dessa forma, a posição histérica é muitas vezes indefinida, sustentando seu percurso com fantasias inalcançáveis.

Em vários momentos são perceptíveis as colocações que parecem demonstrar que o lugar da condição histérica é um lugar inventado, e resultante da aglutinação de opostos; ou uma ambivalência. É como se a histeria fosse uma história sem começo nem fim (COSTA, 2013,p.119).

A reconstrução da posição feminina diante das relações amorosas abusivas

As reflexões e questionamentos propostos pela Psicanálise podem ser aplicados a tratar de questões da complexidade das relações humanas, sobretudo, as relações amorosas abusivas vivenciadas pela mulher, oferecendo contribuições acerca da subjetividade, de modo a minimizar o sofrimento psíquico. O entendimento de como é construída a feminilidade, assim como os aspectos relacionados ao inconsciente e o funcionamento da estrutura histérica oferecem possibilidades de redirecionamento da postura feminina nos relacionamentos afetivos de forma a desconstrução de estigmas, rompendo com posições assujeitamento nos relacionamentos.

Como mostra Souza e Pimenta (2014, p.9) “a empreitada da psicanálise é a de marcar a barra do sujeito, reintroduzi-lo no campo do seu desejo e manejá-lo de um modo oposto ao da ciência, enquanto sujeito do inconsciente e de linguagem”. A Psicanálise, portanto, apresenta considerações que contribuem para o entendimento da feminilidade para além das questões de gênero, centrando-se no entendimento sobre o percurso atravessado para a construção da subjetividade feminina. Torna-se necessário enfatizar que as concepções acerca da subjetividade feminina estarão sempre passíveis de transformação e reposicionamento.

Considerando a feminilidade e partindo do processo subjetivo que a constitui é possível compreender a posição histórica da mulher frente os relacionamentos amorosos. A mulher histórica se coloca inconscientemente numa posição desfavorável e desvantajosa em relação ao homem, sendo assim, ela tende a projetar no relacionamento amoroso uma forma de realização pessoal, através do reconhecimento por parte do outro. “Na busca por ser amada, desejada essas mulheres repetem um sem limite do gozo, do gozo suplementar, um gozo devastador. Almeja a simbolização do desejo materno, anseia pelo significante que a defina como mulher” (WOBETO, 2013, p. 183).

Conferir a mulher o título de vítima só legitima a visão dela como ser vulnerável, assim como a incapacita ou paralisa no sentido de pensar sobre sua posição enquanto sujeito na relação vivenciada, limitando a reflexão acerca de novas possibilidades diante da vida. O sistema jurídico ao conceber a mulher como exercendo apenas a posição de vítima reforça a dificuldade de se pensar a respeito da posição feminina, e ainda o repensar de novas possibilidades para que a mesma consiga elaborar os impactos ocasionados pela vivência de relações abusivas e devastadoras.

Ou seja, a posição de vítima, que é o que legitima um pedido de auxílio e proteção externos, oferecidos pelos dispositivos jurídicos, pode desembocar numa situação em que a mulher surge no lugar de vulnerabilidade. Isto porque, ao falarem sempre de si mesmas através das cenas nas quais surgem vitimizadas, elas acabam por encobrir qualquer outro traço de sua singularidade (CERRUTI, 2008, p.1055).

A desconstrução da posição de vítima torna-se essencial para o processo de rompimento do ciclo que caracteriza o relacionamento abusivo. O reconhecimento da posição assumida na relação amorosa, mesmo que tenha sido de submissão diz respeito ao ideal que a mulher gostaria de alcançar, desse modo, nenhuma postura na relação é neutra, inconscientemente a mulher quer chegar a algum lugar na relação amorosa e isso a faz assumir um papel, movida pela idealização do outro e de sustentar a ideia de que necessita do outro para se sentir completa.

Para modificar essa estrutura dominante culturalmente, é preciso que se considere a totalidade da questão que envolve a mulher e as relações abusivas. A lei é um avanço significativo, porém é necessário avançar nessa causa, de modo a construir uma rede de apoio as mulheres que possa contribuir no processo de desligamento do relacionamento vivenciado, assim como, oferecer suporte para que elas possam levantar possibilidades para se reposicionarem de forma a minimizar angústias e sofrimento psíquico.

Nesse sentido, a psicanálise pode ser parceira dos operadores jurídicos, sustentando a definição de um sujeito marcado pela falta, que o define em sua condição desejante, e também alertando para os riscos da pretensão de suturar essa falta com modos uniformizados de resposta. No que se refere ao tema que vimos discutindo, questionando a eficácia de políticas públicas que conferem à mulher uma posição vitimizada. (CERRUTI, 2008, p.1072).

O acompanhamento psicológico as mulheres que vivenciam situação de violência ou mesmo as que já conseguiram romper com o relacionamento abusivo é importante para o repensar de sua posição como sujeito, reavaliar suas escolhas, posturas e redirecionar suas ações, possibilitando o maior enfrentamento das situações e na tomada de decisões, desenvolvendo autonomia e permitindo o redirecionamento das mulheres na esfera afetiva. Torna-se importante destacar que a atuação da psicologia no contexto de políticas públicas destinadas a mulheres não deve se manter a ações de acolhimento e aconselhamento como formas de minimizar o sofrimento psíquico. Sendo assim, é preciso que o psicólogo vá além e pense na mulher dentro de uma questão macro, considerando perspectivas sociais, possibilitando que a mulher possa repensar sobre sua condição na sociedade de forma crítica, se colocando como sujeito independente, capaz de se posicionar e assumir

diferentes papéis sociais.

O trabalho do analista seria contribuir para que a mulher assumisse sua posição subjetiva dentro do relacionamento, tornando conscientes os conteúdos que estão no seu inconsciente e dessa forma ressignificar sua existência, elaborando suas questões referentes ao gozo e aplicando novos direcionamentos a sua vida.

A apresentação da exigência de gozo em primeiro plano submete os corpos a uma "lei de ferro"¹⁴, cujas consequências, é preciso acompanhar, uma vez que as denúncias de violência contra a mulher têm aumentado, o que se observa após a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340). Há uma reincidência de violências e denúncias, bem como a tentativa de retirada da "queixa" (processo) por parte das mulheres. (SOUZA; PIMENTA, 2014, p.5).

Observa-se desse modo, que a resistência por parte das mulheres em aceitar o acompanhamento psicológico torna-se um evento comum, tendo em vista que existe uma barreira inconsciente que atua na ordem do desejo, do gozo e que muitas vezes o coloca em primeiro plano, dificultando o rompimento de situações de violência mas que ao mesmo tempo oferecem um ganho secundário na visão subjetiva da mulher.

O amor e a devastação são pontos importantes na clínica com mulheres. Na falta do amor, o parceiro sintoma se manifesta com a devastação. Desta forma, o gozo feminino, ilimitado, em excesso, tem efeito de devastação, ao passo que o encontro com um homem, pelo acesso do amor, pode autorizar alguma inscrição que limite esse gozo (SOUZA; PIMENTA, 2014, p.6).

As relações amorosas adquirem aspectos devastadores na medida em que a mulher assume uma posição de levar seu desejo até as últimas vias, satisfazendo suas pulsões, concretizando seus desejos na busca incansável pelo gozo ilimitado, mesmo que isso tenha consequências devastadoras e traumatizantes. "Ou seja, a mulher, enquanto parceiro-sintoma de um homem, não poderá mudá-lo, como muitas demandam, mas terá que se haver com a sua própria mudança frente à relação de violência" (SOUZA; PIMENTA, 2014, p.8).

Freud aponta que o sujeito que quer viver o amor coloca-se numa posição de extremismos, ao mesmo tempo vivencia fascinação e servidão pelo objeto de amor. Desse modo, para a mulher, tudo que ela fizer em função do outro será válido, coloca-se na posição que o outro determinar para vivenciar seu desejo de viver o amor.

A mulher se coloca como objeto de gozo do homem para que ele possa satisfazer seus desejos e como consequência o homem lhe oferece proteção para seu desamparo e preenche a falta, o vazio que sente. Dessa maneira, muitas mulheres matem-se na posição de servidão como forma de satisfazer seu desejo em relação a este estar associado a companhia do outro.

Freud a partir do conceito de narcisismo, aponta que as mulheres sentem a necessidade de se sentirem amadas, sendo assim, permaneceriam em relacionamentos abusivos, não porque amam o homem ou acreditam na sua mudança, mas pelo desejo de serem amadas, mesmo que para viverem esse desejo tenham que se submeter a relações tóxicas.

A fantasia feminina é se sentir plena e completa a partir da realização de seu desejo de ser amada pelo outro, se sentir completa, preencher vazios, assim deposita na relação amorosa a solução para se sentir segura e amparada. As mulheres que sofrem violência querem na verdade continuar vivendo seu desejo, o seu gozo, o de ser amada, elas demandam do amor do outro para não se sentirem fragilizadas.

O entendimento da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos não ocorre pela via da objetividade, indo para a via da fantasia. Trata-se de questões inconscientes que integram a subjetividade feminina, direcionando o desejo e colocando o relacionamento como necessidade, depositando no mesmo a concretização da completude, idealizada pela mulher.

Muitas mulheres suportam a violência, a dor na tentativa de realizarem o desejo de viverem o amor, isso as fazem acreditar que tenham que passar pela dor para conseguirem realizar o desejo de serem amadas, como se sentissem que após a dor serão recompensadas (ganho secundário).

Abrir mão do desejo é algo angustiante e conflituoso para as mulheres e por isso idealizam que a mudança ocorrerá por parte do outro.

O rompimento do relacionamento abusivo exige um enfrentamento por parte da mulher, de forma a assumir a responsabilidade de sua vida, elaborando suas questões e aprendendo a lidar com seus desejos e angústias. Faz-se necessária a conscientização de que não se deve atribuir a mudança ao outro, sendo preciso elaborar as questões da ordem do desejo, manejando-o de forma equilibrada, reposicionando-se diante da vida e das (im)possibilidades que a constituem.

Considerações finais

O artigo apresentou a problemática dos relacionamentos abusivos enfatizando a posição feminina diante destas relações, abordando aspectos além das questões jurídicas e sociais. Desse modo, entende-se que a posição de permanência ou a dificuldade de rompimento das relações abusivas por parte da mulher está para além de aspectos da consciência, pois se assim o fosse a ruptura ocorreria de maneira mais pragmática.

Tendo em vista a dificuldade, que as mulheres tem de assumir um posicionamento de modo a romper com as relações amorosas devastadoras, compreende-se, que se trata de algo para além da consciência, ou seja, trata-se da estrutura do inconsciente feminino, que funciona de modo particular, sendo movida pelo desejo e direcionado por energias pulsionais.

A pesquisa foi centrada na dimensão do funcionamento psíquico inconsciente. Entretanto, torna-se necessário considerar que a subjetividade feminina embora apresente predominantemente um funcionamento histérico, ocorre as particularidades na forma de produzir os sintomas e vivenciar as situações, não sendo possível previsões deterministas e nem um modelo classificatório para designar sentimentos e conflitos internos.

Entende-se que o papel de vítima atribuído à mulher por parte das leis, da sociedade de modo geral e muitas vezes por parte da própria mulher dificulta a ruptura da situação de sofrimento vivenciada.

O discurso de vitimização reforça a ideia da mulher como sendo um ser limitado e fragilizado, tornando-se um obstáculo para a tomada de decisão, de modo a assumir um posicionamento diante de uma relação que tende apenas a ampliar o sofrimento psíquico.

Através das contribuições da Psicanálise, compreende-se que a desconstrução da posição de vítima torna-se muito importante para que a mulher se sinta convocada a tomar parte da situação abusiva vivenciada. Desse modo, possa rever-se como ser ativo, constituído por desejos e capaz de se reposicionar diante da vida, assumindo o protagonismo da mesma, abrindo-se a novas possibilidades e experiências, reposicionando-se sempre que sentir necessário, assim, reafirma-se que a análise contribui na convocação, dando lugar de voz ao sujeito, contrariando o silenciamento que a sociedade e as leis produzem.

Diante dessas questões mencionadas, constatou-se que o inconsciente permeia sim a persistência de mulheres em namoros abusivos, tendo em vista o peso que o relacionamento amoroso tem na vida das mulheres de modo geral, sendo colocado como fundamental para a completude feminina. Os questionamentos foram propostos, com o intuito de contribuir na reflexão acerca da feminilidade e das possibilidades de redimensionamento da mulher, sobrepondo-se a lógica de dominação masculina, apontando-a como um agente que pode se colocar na relação.

Abdicar do desejo de vivenciar a relação amorosa e do ideal de se sentir amada e completa é algo que desencadeia angústia no universo psíquico feminino. Portanto, é preciso, segundo a psicanálise, tornar consciente os discursos do inconsciente, de modo a provocar o entendimento do sujeito como sendo capaz de dar continuidade ao seu percurso de vida de maneira autônomo, anulando a dependência depositada na relação amorosa, de forma a minimizar o sofrimento e a aposta em novas experiências.

A feminilidade construída em bases frágeis a partir da lógica falocêntrica, alicerçou-se sob uma condição de castração, se tornando um dos pilares que norteiam a estrutura psíquica histórica. Dessa forma, inconscientemente instalou-se no feminino, a necessidade de reconhecimento por parte do doutro, de sentir-se capaz de se fazer amar e alcançar a completude perdida na castração.

Observa-se que a identificação com o objeto amoroso é sustentada por questões do próprio sujeito, ou seja, acompanha a mulher ao longo da sua trajetória de construção da feminilidade. Sendo assim, a busca por concretizar o desejo fálico de preencher o vazio deixado com a castração, consolidou-se como uma das bases que direcionam as pulsões dos desejos do inconsciente feminino.

Tendo em vista as questões que foram pontuadas neste artigo, buscou-se colaborar no questionamento das relações estabelecidas entre o sujeito frente ao objeto amoroso, principalmente quando se trata de relações abusivas por parte do homem e posições de assujeitamento por parte da mulher. Faz-se necessário a ruptura da posição feminina e a elaboração da mesma, incentivando a atuação feminina diante da necessidade de libertação dos relacionamentos devastadores.

Referências

- 1- BRASIL (2006). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006: **Lei Maria da Penha**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acessado em: 07/04/2019.
- 2- FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor III). In:_____ **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, volume XI (1910), 1996.pp.191-192.
- 3- FREUD, S. O Tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor). In:_____ **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, volume XI (1910), 1996.p.191.
- 4- FREUD, S. A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade. In:_____ **O Ego, e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, volume XIX (1923-1925), 1996. pp.158-159; p.161
- 5- FREUD, S. Complexo de castração e a inveja do pênis. In: _____ **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, volume VII (1901-1905), 1996. p.184
- 6- FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. In:_____ **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, volume XXII (1932-1936), 1996. pp.115-117; p.121, pp.124-125, p.131, p.133
- 7- MARQUES, Tânia Mendonça. **Violência Conjugal: um estudo sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos**. Instituto de Psicologia Minas Gerais, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26950>. Acessado em: 07/04/2019.

- 8- MARTINS, Marcelo; ALBERTIM, Renata. **Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>>. Acessado em: 07/04/2019.
- 9- OSÓRIO, Andréa B. **O que é violência contra a mulher**, 2005. Disponível em: <<http://www.ibam.org/viomulheforel9.htm>>. Acessado em: 18/01/2019.
- 10-FREUD, S. O Tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor). In: _____ **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, volume XI (1910), 1996.p.
- 11-FREUD, S. Representações Inconscientes e Representações Inadmissíveis à Consciência. In: _____ **Estudos sobre a Histeria.** Rio de Janeiro: Imago, volume II (1893-1895),1996, p.262 e p.264
- 12-MELMAN, Charles. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio.** Porto Alegre: CMC Editora, 2003, p.157.
- 13-MELMAN. Entrevista com Charles Melman. **IHU- on line**, 2006. Disponível em: <<http://www.lacan-brasil.com>>. Acessado em: 16/07/2019.
- 14- COSTA, Dayse Santos. **A histeria diante da emergência de uma nova economia psíquica: uma leitura de Freud e Melman**, 2013. Disponível em <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1252>>. Acessado em: 18/07/ 2019
- 15-SOUZA, Hebert Geraldo; PIMENTA, Paula. **Por que elas não (re)tornam? Considerações sobre a não adesão ao tratamento por parte da mulher em situação de violência**, 2014. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/Por_que_elas_nao_retornam.pdf>. Acessado em 20/07/2019.

16- WOBETO, Edna Mônica da Silva. **O feminino e a violência numa perspectiva psicanalítica**, 2013. Disponível em:
<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1289/1/Edna%20M.%20S.%20Wobeto_O%20ofeminino%20e%20a%20viol%C3%Aancia.pdf>. Acessado em: 22/07/2019.

CERRUTI, Marta Quaglia. **Bate-se em uma mulher: Impasses da vitimização**, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-12062008-163549/publico/cerruti_me.pdf>. Acessado